

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“Júlio de Mesquita Filho”
Instituto de Artes – Campus São Paulo

ALAIDE DO NASCIMENTO CADIMA

**A PALAVRA PERFORMATIVA:
modos de ler, escrever, falar, ouvir e existir**

São Paulo
2022

ALAIDE DO NASCIMENTO CADIMA

**A PALAVRA PERFORMATIVA:
modos de ler, escrever, falar, ouvir e existir**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), como requisito parcial para obtenção do título de Licenciatura em Arte-Teatro.

Orientadora: Profa. Dra. Carminda
Mendes André

Ficha catalográfica desenvolvida pelo Serviço de Biblioteca e Documentação do Instituto de Artes da Unesp. Dados fornecidos pelo autor.

C124p	<p>Cadima, Alaide do Nascimento, 1984- A palavra performativa : modos de ler, escrever, falar, ouvir e existir / Alaide do Nascimento Cadima. – São Paulo, 2022.</p> <p>52 f. il. color.</p> <p>Orientador: Profa. Dra. Carminda Mendes André Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Arte-Teatro) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Instituto de Artes</p> <p>1. Performance (Arte). 2. Arte. 3. Arte e antropologia. I. André, Carminda Mendes. II. Universidade Estadual Paulista, Instituto de Artes. III. Título.</p> <p>CDD 306.4</p>
-------	---

Bibliotecária responsável: Fabiana Colares - CRB/8 7779

ALAIDE DO NASCIMENTO CADIMA

**A PALAVRA PERFORMATIVA:
modos de ler, escrever, falar, ouvir e existir**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (UNESP), como requisito parcial para obtenção do título de Licenciatura em Arte-Teatro.

Trabalho de conclusão de curso aprovado em: 16 / 02 / 2022

Banca Examinadora

Profa. Dra. Carminda Mendes André
Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" IA/UNESP – Orientadora

Profa. Esp. Amanda de Fatima Cuesta
Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" IA/UNESP

Prof. Me. Gustavo Henrique Lima Ferreira
Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" IA/UNESP

Para aqueles que insistem na arte como propósito de existência.
Para os meus pais, Darcio e Maria, que cultivam todo dia o amor para comigo.

AGRADECIMENTOS

Obrigada Deusas e Deuses por estarem nesse momento me permitindo realizar esse TCC, apesar de tantas mortes em uma pandemia.

Obrigada Kelly Escanuela, minha terapeuta, que insistiu na minha potência de vida.

Obrigada Cristian Reichert e Fernando Catelan por, com atenção e generosidade, fazerem parte dessa caminhada.

Obrigada Amanda Cuesta e Gustavo Henrique, ambos minhas bancas, por terem aceitado fazer parte do meu caminho.

Obrigada Carminda Mendes André, minha orientadora, por me guiar de maneira leve, quase como uma brincadeira, com muito respeito, liberdade e afeto.

Obrigada a todos que já passaram no meu caminho, ajudando-o a iluminá-lo mais, sem vocês eu não estaria aqui.

“Somente o combate das palavras não ditas,
contra as palavras já ditas permite a ruptura do horizonte dado,
permite que o sujeito se invente de outra maneira, que o eu seja outro.”

(Jorge Larrosa)

RESUMO

O trabalho a seguir é uma pesquisa autoetnográfica que consiste na ideia de, aquele que é artista, sempre irá estar em um processo de formação, onde esse processo pode ser influenciado de diversas maneiras, e, no meu caso, pela palavra. Pois, é a partir da palavra que exploro meu universo artístico se tornando bagagem criativa para a expressão estética. Seja pela palavra escrita, lida, ouvida e falada, a palavra constitui meu ser, minha voz, corpo, minha percepção de mundo, vida, existência. Passando por partes e/ou fases da vida, essa pesquisa se assemelha a um diário ou memorial, do qual faço das minhas lembranças material científico para buscar respostas e novas perguntas que contemplem a artista que sou agora.

Palavras-chaves: Escrita. Performance. Arte.

ABSTRACT

The following work is an autoethnographic research that consists of the idea that, whoever is an artist, will always be in a process of formation, where this process can be influenced in different ways, and, in my case, by the word. Well, it is from the word that I explore my artistic universe, becoming creative baggage for aesthetic expression. Whether through the written, read, heard and spoken word, the word constitutes my being, my voice, my body, my perception of the world, life, existence. Going through parts and/or phases of life, this research resembles a diary or memorial, from which I make my memories scientific material to seek answers and new questions that contemplate the artist I am now.

Keywords: Writing. Performance. Art.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

Eu escolhi o tema ou o tema me escolheu? 8

FALAR

Eu não falo o que eu escrevo e ainda assim são partes de mim. 12

LER

A leitura como autoconhecimento ou de como as palavras me fizeram ver. 15

ESCREVER

A escrita como autoconhecimento ou de como as palavras me fizeram sobreviver. 20

OUVIR

Escrevo arte ou sou artista? 23

Ler e escrever o outro, com o outro, para o outro. 29

EXISTIR

Quais palavras-corpo habitam em mim? 41

CONSIDERAÇÕES FINAIS 44

REFERÊNCIAS 46

ANEXOS 48

INTRODUÇÃO

Eu escolhi o tema

ou

o tema me escolheu?

Fazer esse trabalho é uma tentativa de entender quais são os meus caminhos a seguir. Olhar para o passado é também olhar para o futuro. Perceber em que momento da minha vida estou agora e quais são as escolhas futuras. Aqui, dialogo comigo mesma em um processo de compreensão sobre quem eu fui, quem eu sou, e quem eu quero ser.

A palavra tem sido minha aliada diversas vezes, desde lê-las em um poema para me ajudar a entender o turbilhão que vive em mim, desde dizer para mim mesma algum tipo de mantra para que eu não esqueça de quais são os meus sentidos e propósitos de vida daquele momento.

Sendo assim, a palavra é meu refúgio e minha consolação. Meu labirinto e minha linha reta. É com ela que caminho, dou passos largos, passos curtos, tropeços, saltos, corridas, paradas.

Comecei pensando neste trabalho sobre a dramaturgia enquanto processo pedagógico, porém, eu precisava primeiro elucidar o processo pedagógico da palavra em mim. Durante alguns encontros com orientação em grupo, entendi que era preciso dar um passo atrás, entender onde a palavra se tornou pedagógica pra mim. E então, faço desse diário-memorial-documento-registro, um manifesto para eu nunca esquecer que aqui dentro, vive uma artista.

[...] recolher-se em si mesmo tanto quanto possível;
ligar-se àqueles que são capazes de ter sobre si um
efeito benéfico; abrir sua porta àqueles que tem a




esperança de se tornarem melhores; [...] (FOUCAULT, 2004, p. 154)¹

Nesse momento, Dezembro de 2021, o mundo se recuperando de um dos maiores sustos da humanidade: a pandemia do Coronavírus, o Brasil tentando desastrosamente se livrar de um governante intransigente, machista, racista, ignorante, e apático à sua nação, estou aqui escrevendo para tentar sobreviver ao que não vivi. Pois hoje diante desses dados que temos em mãos, escrever é olhar para tudo aquilo que poderia ter sido, mas, não foi. Tudo aquilo que poderia ter sido, e não foi. Um mundo preso em suas casas, o país preso em sua demência, e nós artistas, tentando, cada um à sua maneira, lidar, viver, observar, aprender, lutar, transcender.

Figura 1 - Blog Pequeno Ajuste²

ISOL(AR)-SE

Na redoma diária que vivemos, isolar-se é brincadeira de criança. Explico, uma pipa no alto nos mostra que a liberdade não existe. Não, ela não está voando no céu, há uma linha que mantém o seu elo com o chão. Os pássaros são assim também, sua fome o leva para o chão. Isolar-se é descobrir-se atado à algo. Onde encontro atada a minha liberdade? Atada ao amor? Ao medo? Ao preço da gasolina? À cor do vestido da moda? Atada ao que sua potência de vida necessita nesse momento. Eu não consigo mais viver em um relacionamento amoroso, por exemplo. Meu isolamento é sentimental. Pense no que você não consegue mais e verá que seu isolamento te acompanha há muitos anos. Todos nós temos o nosso e não nos escaparemos dele. Já imaginou a pipa sem linha? Pode a pipa sem linha, voar?

jun. 05, 2020

Fonte:

<<https://pequenoajuste.tumblr.com/post/620098898584797184/isolar-se-na-redoma-di%C3%A1ria-que-vivemos>>

¹ As citações presentes nesse trabalho foram encontrando seu caminho e conversando comigo, como em um diálogo. Para manter esse diálogo ativo toda e qualquer citação neste trabalho será feita com um recuo específico, não se limitando às normas ABNT.

² Blog pessoal.

Fiz esse trabalho sem a garantia de que poderia ser algo que eu pudesse me orgulhar, abri mão de todas as escolhas que eu havia feito para ele, e confiei em todos que de alguma maneira contribuíram para sua existência. A palavra fazia parte do meu tema inicial, isso, ela sempre fará, mas os caminhos que foram se perdendo e se achando no processo de escrita me fizeram rever muitas escolhas.

Apesar de estar dividido em partes e/ou capítulos, o que faz pensar na escrita usual acadêmica, escrevi esse trabalho revisitando momentos da minha vida, como se eu estivesse colocando em capítulos as experiências que vivi e vivo, e em como a palavra em cada momento da minha vida, foi tomando forma e se envolvendo em mim.

Embora as partes tenham sido pensadas de maneira cronológica, elas por si só se alimentam e se esvaem. Assim, você que curiosamente se interessar e ler esse trabalho, lhe digo para começar onde quiser, porque acredito na Leda Maria Martins³, quando nos diz sobre o tempo espiralar, pois cada palavra aqui contida neste trabalho, está inserida em um tempo do qual não temos controle.

³ Leda Maria Martins, brasileira, é uma poeta, dramaturga, ensaísta e professora. Doutora em Letras/Literatura Comparada pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

FALAR

Eu não falo o que eu escrevo e ainda assim são partes de mim.

Quando resolvi escrever sobre a palavra, e de como ela, em suas diversas formas (principalmente a escrita), me fizeram como ser, me indaguei sobre o porquê falar disso em um momento em que a academia na esfera artística vem resgatando valores que foram achatados dentro da própria academia. O meio acadêmico valorizou (e ainda valoriza em alguns âmbitos) a escrita intelectual como única forma de validação de um discurso científico. No entanto, temos percebido cada vez mais que esse olhar muitas vezes se fez em um alicerce cheio de preconceitos e que derrubar esses muros, só torna nossas pesquisas mais ricas e plurais. Ainda bem.

Porém, cá estou eu insistindo na escrita e embora eu tenha um apreço maior pela palavra escrita, não me sinto alheia a escuta às outras formas da palavra acontecer. Um gesto, uma voz, um tom. *Ler o mundo* (FREIRE, 1989) está nisso tudo, em como nós, como humanos, somos afetados pelo exterior e interior.

Digo, interior também, porque somos leitores de nós mesmos. Quantas vezes nos estranhamos? Seja ao ouvir nossa voz em um gravador, seja falando uma frase que nunca diríamos, mas que enfim, dissemos. Seja usando uma peça de roupa e pensando “Nossa, enjoei.”. Estamos o tempo todo construindo escrita e leitura.

O que muda com o tempo, talvez seja nossa compreensão sobre aquilo que percebemos.

Quando a obra passa de um contexto histórico para outro, novos significados podem ser dela extraídos. (EAGLETON apud COSTA, 2012, p. 1).

Escrever não é a mesma coisa que falar. Quando escrevo, me sinto mais protegida, como se a solidão do ato da escrita fosse um escudo para o olhar alheio.

Já ao falar, me sinto mais vulnerável. E por que há momentos em que uma fala pode nos afetar muito mais que uma escrita? O que está em jogo além da palavra em si?

Paul Zumthor em seu livro *Performance, Recepção, Leitura*, faz uma digressão sobre uma experiência que ele teve quando era novo. Um dia ao passar por uma rua perto de sua casa com alguns amigos, ouviram um cantor de rua fazendo seu trabalho, quando os amigos, embalados pela melodia, começaram também a cantar a música e todos fizeram um grande coro junto ao cantor. Ao comprar o folheto com as músicas, e ao reler em casa e tentar cantar a música, Zumthor diz que não teve a mesma sensação quando estava na rua. E passou então a investigar o que é que estava diferente. E percebeu que nunca seria a mesma coisa, porque naquele momento na rua, aconteciam outras performatividades⁵: risadas, pessoas caminhando, pássaros, etc.

De todos os componentes da obra, uma poética da escrita pode, em alguns casos, ser mais ou menos econômica; uma poética da voz não o pode jamais. (ZUMTHOR, 2017, p. 18)

Assim, lembro do *Falatório de Stela do Patrocínio*⁶, sua poesia não estava só nas suas palavras, mas, também, na sua voz, na sua respiração e principalmente na sua leitura de mundo. A palavra dita parecia ser sua única forma de expressar sua existência, como resistência a um mundo hostil e feito de remédios. Bruna Beber, poeta e pesquisadora da obra de Stela, elabora em um ensaio em que no *Falatório de Stela* há também uma espécie de contracanto. Onde ela identifica:

[...]nesse contracanto o ponto em que Stela atinge sua extrema subjetividade e dirige seu discurso, que é mais fala que oralidade, e o que se torna evidente é o incomunicado de sua performance [...]. (BEBER, 2020, p. 228)

⁵ Ver nota 9.

⁶ Stela do Patrocínio, poeta brasileira que passou cerca de 30 anos internada involuntariamente no Estado do Rio de Janeiro com o diagnóstico de esquizofrenia. Durante esse período, até sua morte, Stela criou o seu *Falatório*, onde ao ser gravada pela artista visual Carla Guagliardi, expressava sua liricidade.

Bruna discute a performatividade de Stela, ao falar palavras que se formam poemas alí naquele mesmo instante. Stela ao falar, já está elaborando dentro de si um distanciamento daquilo que vive enquanto diz, e assim, instaura sua própria poesia.

A partir de sua atitude lírica, reflexiva, ela capta e expõe seu canto, seu saber instintivo, como tentativa de reencontrar a própria individualidade, e a consequência disso é a reconstituição dessa individualidade. Uma reivindicação ultimada, que tem como resultado o processo de individuação, conceito que em Jung, está ligado à consciência da individualidade. (BEBER, 2020, p. 227)

Estamos de alguma maneira nos expondo liricamente sem imaginar? Se temos um corpo que pode falar performativamente, porque não podemos ter um corpo que lê, escreve e escuta performativamente?

Busco não uma forma de igualar a fala e a escrita, mas, de entender melhor suas possibilidades, para assim, criar novas formas de fala e de escrita, leitura e de escuta.

Habitados como somos, nos estudos literários, a só tratar do escrito, somos levados a retirar, da forma global da obra performatizada, o texto e nos concentrar sobre ele. (ZUMTHOR, 2014, p.30)

Podemos, então, pensar que talvez novas maneiras de ler e escrever podem nos dar novas formas de ver o mundo. Isso também pode acontecer com falar e ouvir. Acompanho na rede social uma pesquisadora⁷ das artes visuais que relatou uma experiência curiosa. No seu Instagram, desabafou que estava com dificuldades de escrever, até que lembrou de um conselho sobre mudar a posição do corpo na

⁷ Vivieuvi é um canal no Youtube de Vivi Villanova. Formada em Comunicação Social pela FAAP, criou o canal em 2015 para expressar sua paixão pela arte. Hoje é uma das colaboradoras do programa Metrópolis da Tv Cultura.

escrita. Eis que ela coloca o computador no chão, senta-se de cócoras e vê sua escrita fluir novamente. Ela postou um vídeo da sua posição.

Pode-se dizer que ela (Vivi Villanova), performou uma outra escrita, porque era um corpo diferente do usual que estava escrevendo ali. Que outras palavras e acessos aquele corpo teve diante da nova postura? Sua escrita mudou? Novas palavras apareceram? O que estava a impedindo de escrever e somente com a mudança de posição tornou isso possível? São questionamentos que me fiz, ao ver tal foto e feito.

Assim, tento através de experimentações, encontrar que outras palavras existem em meu corpo, qual palavra quer falar, qual palavra quer escrever, qual palavra atenta-se a ouvir, qual palavra concentra-se para ler. Algo que falarei mais, na última parte deste trabalho.

LER

A leitura como autoconhecimento

ou

de como as palavras me fizeram ver.

Eu nasci. E tive que ficar 42 dias dentro de uma incubadora, isolada, olhando o mundo através de uma caixa de vidro. Esse foi meu primeiro mundo. Meu pequeno mundo que olhava pra mim enquanto eu olhava pra ele. Me tocavam muito pouco e o maior contato que eu podia ter com o mundo externo era pelo olhar. “Ela acompanha tudo com o olhar, ela quer ver tudo.”, assim diz minha mãe, quando conta o que o médico disse quando a viu pela primeira vez.

Eu lembro. Mentira. Não lembro. Mas, eu ainda carrego esse olhar comigo, olhar que quer *ler o mundo* (FREIRE, 1989), ver lá longe, entender porque as cores de um pôr-do-sol depois de uma chuva de verão ainda me assustam. A beleza me assusta? Será essa é a leitura que eu faço da beleza? Ou será o mistério? Ou o fato de eu perceber que eu não tenho controle algum sobre a potência da natureza?

Na medida, porém, em que me fui tomando íntimo do meu mundo, em que melhor o percebia e o entendia na "leitura" que dele ia fazendo, os meus temores iam diminuindo. (FREIRE, 1989, p. 11)

Ler o mundo é de alguma maneira tentar compreendê-lo. Minha leitura pode conter várias camadas, a leitura de uma mulher, a leitura de uma mulher que nasceu na cidade de São Paulo, a leitura de uma mulher que nasceu na cidade de São Paulo logo após o período da ditadura, a leitura de uma mulher que nasceu na cidade de São Paulo logo após o período da ditadura e pertencente a classe média baixa. Quantos mundos já é possível ler aqui?

Me vejo então na casa mediana em que nasci, no Recife, rodeada de árvores, algumas delas como se fossem gente, tal a intimidade entre nós [...] (FREIRE, 1989, p. 9)

No entanto, não foi suficiente ler o mundo apenas pelo meu olhar, era preciso pegar olhares emprestados para olhar aquilo que eu ainda não via. Primeiro a gente pega os olhares de outras pessoas, da mãe, do pai, da vizinha que admira, da colega de escola, da professora. Depois, começa a pegar olhares de pessoas mais distantes, da personagem do desenho animado, do garoto propaganda do brinquedo que você sonha ter, do ilustrador do gibi preferido, por exemplo. Lembro que toda vez que eu ia ao posto de saúde fazer exame de sangue, minha mãe comprava um gibi da Turma da Mônica pra eu ficar lendo enquanto esperava minha vez. Ela dizia que comprava os gibis pra eu não ficar pensando que ia levar picada de agulha. Estava, eu, ali criando uma espécie de *Torre de Marfim*⁸ (MANGUEL, 2017), onde as histórias da baixinha raivosa (ou seria feminista?) estariam me ajudando (me emprestando seu olhar) a não ter medo de fazer um exame bobo do cotidiano? Talvez. Fato é, que até hoje não tenho medo de picada de agulha. Paulo Freire me ajuda a entender esse encontro:

⁸ Originalmente, a Torre de Marfim é uma metáfora para o espaço onde intelectuais estudam e se distanciam do mundo prático, adquirindo apenas o conhecimento teórico. Alberto Manguel, escritor e ensaísta argentino, ao pensar sobre essa metáfora, sugere que viver em uma Torre de Marfim é também viver um mundo prático, já que estudar faz parte dos afazeres da vida cotidiana.

[...] processo que envolvia uma compreensão crítica do ato de ler, que não se esgota na decodificação pura da palavra escrita ou da linguagem escrita, mas que se antecipa e se alonga na inteligência do mundo. A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. (FREIRE, 1989, p. 9)

E assim eu fui pegando olhares emprestados para conhecer mais o mundo à minha volta e o mundo que habita dentro de mim. Ler é se perceber eternamente em um processo de autoconhecimento onde você nunca sabe qual e quando será que mais um “click existencial” poderá surgir em você. Você pode estar lendo sobre a vida de um vocalista de uma banda de rock que conta quando se deu conta de que era uma estatística pela primeira vez ao se ver desempregado e se reconhecer nisso, ou, pode estar lendo sobre o cara que tinha medo de morar sozinho e morrer sem ninguém saber como aconteceu com seu vizinho do apartamento de cima e também se reconhecer nesse medo da solidão.

Ler reconhecendo a própria subjetividade como também participante da história nos faz viver outras vidas. Nos faz *performar*⁹ (SCHECHNER, 2011) uma outra vida enquanto estamos com os olhos atentos às palavras e a imaginação de encontro com o inesperado.

Só a linguagem poética (e toda linguagem é poética, uma vez que toda linguagem essencial é abertura, criação e inovação ontológica) abre esse segundo ser em que as coisas deixam de estar determinadas conceitualmente como parte de nossos sistemas convencionais de classificação e de ordenação da realidade. (LARROSA, 2019, p. 134)

⁹ De acordo com o antropólogo e diretor de teatro Richard Schechner, performance é uma linguagem que não só se refere a algo, como outras linguagens, mas que produz algo. Assim, ele defende o conceito de performances do cotidiano, quando um ato que fazemos, cria um novo ambiente ou estado de ser, de si e de tudo o que envolve. O momento do SIM de um casamento, por exemplo, é uma performance, pois, o ato de dizer sim, criou um novo estado de todos os envolvidos.

Larrosa ao pensar sobre a figura do leitor, se debruça em um poema de Rainer Maria Rilke chamado O Leitor. Nele, Larrosa discorre sobre as metamorfoses que um leitor pode passar durante o ato da leitura e de como esse novo olhar se choca com o mundo real, a cada levantar da cabeça do leitor para mirar o horizonte, experimentando o mundo de outra forma.

Lembro da última vez em que chorei ao ler um livro. Era o best seller O Caçador de Pipas de Khaled Hosseini. O motivo da minha lágrima foi o momento em que o pai do personagem principal morreu. A maneira como o menino descrevia seu pai foi algo que me marcou porque me ajudou a entender muito do que o meu pai é também, assim como diz Jorge Larrosa, o livro:

[...] pode ajudar-me a dizer o que ainda não sei dizer, o que ainda não posso dizer, ou o que ainda não quero dizer. (LARROSA, 2011, p. 11)

Assim, aprendi a ver naquele livro o ser trabalhador com as veias das mãos saltadas de força na vida em que era e é o meu pai. E que futuramente, me fez ter também uma visão social da qual faço parte. Li o livro bem jovem, logo na sua fase em que ficou muito conhecido e falado por muitos.

Quando li São Bernardo de Graciliano Ramos, ao terminar a leitura, fechei o livro com calma e pensei, “Meu Deus, o cara trabalhou tanto pra ter uma vida tão ordinária, por quê temos que trabalhar assim?”, acho que alí, diante dos meus 18 anos, que pensei pela primeira vez o que significava viver em um mundo capitalista onde o trabalho é tido como único qualificador do humano.

A única questão fundamental é por que e como, isto é, em razão de quais energias e graças a quais meios a "poesia" (no sentido amplo e radical pelo qual tomo esse termo, que compreende a nossa "literatura") contribui para criar, confirmar (ou rejeitar?) o estatuto do homem como tal. (ZUMTHOR, 2014, p. 17)

Fico então me perguntando, se eu não tivesse lido esses livros, que visão hoje eu teria do mundo? Teria eu feito teatro? Teria tido os empregos que já tive? Teria participado de tantas manifestações nas ruas e estaria gritando “Fora Bolsonaro”? Teria viajado para os lugares que até agora viajei? Teria namorado as pessoas que já namorei? Teria escolhido as escolhas que já fiz?

Quais vidas performei enquanto lia um poema da Ana Cristina César¹⁰?

Há leituras que se tornam verdadeiros rituais. Como se cada letra absorvida pelo leitor, abrissem portais. Assim me sinto cada vez que abro uma página do Livro do Desassossego de Fernando Pessoa, por exemplo. Tenho o ritual de abrir em uma página aleatoriamente e ler o que está escrito como se fosse um oráculo.

Mais do que falar, em termos universais, da "recepção do texto poético", remeterá, concretamente, a "um texto percebido (e recebido) como poético (literário). (ZUMTHOR, 2014, p. 25)

As leituras podem abrir portais se estivermos também abertos pra isso. É possível, dentro de um ônibus lotado, olhar para um outdoor com uma propaganda de sabonete, ler a palavra CORAGEM, e isso te afetar de modo tão intensamente que novos caminhos são construídos ali? Eu penso que sim. Se todo ato de ler está envolvido em toda a subjetividade daquele que lê, e em algum momento uma palavra penetrar essa subjetividade, as escolhas que a pessoa pode ter, terão essa interferência, porque não podemos nos desligar da nossa subjetividade, ela está presente o tempo todo, conscientes ou não.

O conto O Segundo Assalto À Padaria de Haruki Murakami, em que a história é sobre um rapaz que começa a ter crises de insônia, e depois de mais uma noite acordado, conversando com sua esposa, ele revela que já tentou assaltar uma padaria, mas, não conseguiu. A esposa supõe então que sua insônia era consequência desse ato não feito. E juntos, tentam assaltar uma rede de fast food. Foi então que tive a mesma impressão. Se eu fosse pensar nas insônias que eu tive

¹⁰ Ana Cristina Cesar foi uma poetisa, jornalista e crítica literária brasileira. Formada em letras pela PUC-Rio.

nas minhas piores crises de ansiedade, o que será que eu deixei de fazer para ter de passar por isso?

Vivendo entre livros e realidades, vou criando o mundo a cada nova porta que se abre. Não leio para me tornar uma mestra na arte de ler, ou pra ter uma opinião formada sobre o que estou lendo. Leio, porque sei que no momento exato em que escolhi entrar em um universo literário, sairei de lá maior.

ESCREVER

A escrita como autoconhecimento

ou

de como as palavras me fizeram sobreviver.

Devo dizer que durante um dos períodos mais difíceis e angustiantes que vivenciei até hoje, a escrita me salvou de mim mesma. Quando tive minha primeira crise de ansiedade em que perdi a noção de realidade por quase duas semanas, escrever foi o que me ajudou a entender o que eu estava sentindo e pensando. Eu lembro de flashes desses momentos. Lembro de não conseguir dormir, lembro de entrar em um estado de alerta o tempo todo, lembro de ter uma pequena lucidez e ligar pra uma psicóloga para buscar ajuda, lembro de muitas alucinações que eu vi, e lembro do papel e do lápis na minha mão.

Eu não guardei nada do que escrevi naquela época e acredito que seja porque eu não queria revisitar o que eu teria colocado naquelas folhas. Eu lembro de estar deitada no colchão que eu tinha colocado na sala para não ter que dormir sozinha no meu quarto e aí tinha do meu lado papel e lápis e toda vez que eu sentia algo ruim ou começava a ter uma crise, eu escrevia tudo o que vinha na minha cabeça. Provavelmente muito do que tinha ali, eram coisas sem sentido, mas, que naquele momento, me ajudaram a organizar tudo o que eu estava sentindo.

Porém, não me engano, a escrita não tem necessariamente o poder de curar nada nem ninguém, assim como qualquer outra fórmula miraculosa que existem por tantos lugares a fora. A ideia de salvação talvez seja um pouco ingênua, ou utópica

demais. No entanto, a escrita foi uma aliada, uma parceira, uma amiga nesses tempos difíceis e é até hoje.

[...] a narrativa de si é a narrativa da relação consigo mesmo, e nela é possível destacar claramente dois elementos, dois pontos estratégicos que vão mais tarde se tornar objetos privilegiados do que se poderia chamar a escrita da relação consigo: as interferências da alma e do corpo (as impressões mais do que as ações) e as atividades do lazer (mais do que acontecimentos exteriores); o corpo e os dias. (FOUCAULT, 2004, p. 157)

A primeira vez que a palavra ganhou maior atenção aos meus olhos foi quando eu tirei a primeira nota vermelha na escola. A palavra exibiu o erro em minha frente e eu não soube o que fazer. Era uma redação que valia nota e eu estava na quinta-série. Eu não lembro qual era o tema, quais palavras eu usei, quais reflexões eu fiz, quais acordos ortográficos estavam naquele papel, mas, eu lembro até hoje, a nota vermelha carimbando meu fracasso com as letras.

Sempre fui uma aluna muito responsável, porém, a nota vermelha não me assustou naquela época. É como se eu tivesse recebido um presente que ainda não sabia o que era, mas, sabia que era algo importante. Até hoje a imagem da nota vermelha no papel não foi embora da minha cabeça.

Nesse mesmo período, eu comprei um diário, tentando, talvez, provar a mim mesma de que eu poderia escrever melhor. E não fazia ideia do que escrever, comecei com pequenas frases, dizendo sobre o meu dia. “Hoje fui ao dentista e foi legal.” Ponto. Foi assim que comecei aos poucos a escrever, escrever, escrever.

Assim como temos leituras de mundo, podemos também pensar que temos escritas de mundo. E de como esse mundo do qual vivo e faço parte, também influencia naquilo que escrevo.

Quando uma pessoa relata os fatos vividos por ela mesma, percebe-se que reconstrói a trajetória

percorrida dando-lhe novos significados. Assim, a narrativa não é a verdade literal dos fatos, mas, antes, é a representação que deles faz o sujeito e, dessa forma, pode ser transformadora da própria realidade. (CUNHA apud NEVES, 2010, p. 125)

Na escrita, encontrei algum equilíbrio possível para viver diante do mundo. A escrita me ajuda a ver. Me ajuda a conhecer a mim mesma, e o que meus olhos enxergam. Assim, a escrita é uma mediadora entre inconsciente e consciente. A *escrita de si* (FOUCAULT, 2004) é uma forma de organizar a própria experiência.

Contar sobre pequenos fatos da minha vida e dar a eles minha interpretação, é um registro histórico também da sociedade da qual vivo. As músicas que ouvia na época, o material escolar que eu queria ter, o machismo inserido na descrição de algum pé na bunda que levei. Tudo isso faz parte de algo que não vivi sozinha.

Lembro de relatar, por exemplo, sobre uma festa de 15 anos da qual eu era uma das debutantes, e aos 18 anos, estava pela primeira vez participando de algo assim. Meus 15 anos foram a época de um pequeno início de ascensão social devido a mudança para o plano real e participar desse tipo de evento ainda era algo distante e que na época era tão valorizado.

A escrita de um diário também é uma ferramenta da qual a experiência é uma tinta necessária para a criação desta tela. Escrever envolve entrar em contato novamente com o que foi vivido, experienciado, sentido, afetado e vivenciar o ato da escrita em si. Por isso, há uma escolha do que escrever e de como essa narrativa pessoal vai sendo contada e transformada a cada novo fato registrado no diário.

Esses diários que tive mais intensamente na minha adolescência e que hoje existem de maneira mais fragmentada através de pequenas frases, anotações, letras de música, frases ouvidas nas ruas e etc, *presentifica e registram um corpo que sente* (SANTOS, 2010) para aquele que lê.

Embora meus diários não sejam nunca feitos para alguém ler, o ato da escrita pra mim está sempre permeado pela ideia de um terceiro. Seja eu mesma, que observo minha própria escrita, seja pela caneta que seguro e que vai lendo ao mesmo tempo em que vou escrevendo, ou mesmo, postando no meio virtual alguma narrativa que inventei, mas, que sempre tem algo falando sobre mim, também.

No final dos anos 1990 e início dos anos 2000, o blog se tornou uma ferramenta virtual muito popular. Pode-se dizer que eram as redes sociais da época. Eu tinha um blog e seguia blogs de amigos. No entanto, o fato de estar sempre se expondo de alguma maneira, era um empecilho pra mim. Foi então que peguei emprestado das teorias literárias a ficção, e minhas escritas deixaram de ter uma estética de diário para se tornarem poemas, contos, crônicas.

Hoje minha escrita é repleta de interferências e vivências que muitas vezes não tenho controle. Cada texto que escrevo tem pelo menos uma linha de verdade. Como se aquele pequeno fato, fosse o estopim para explodir e explorar o que fica guardado em meu corpo. Portanto, sei que escrever é me redescobrir e enxergar aquilo que ainda não foi iluminado.

OUVIR

Escrevo arte

ou

sou artista?

O que é ser artista? Entrei aqui, neste universo que nem sabia se queria entrar. Minha leitura de mundo levou muito tempo pra encontrar a leitura da arte. As duas caminhavam juntas, mas, em uma distância gigantesca. Quando comecei a fazer teatro, esse distanciamento foi diminuindo. Comecei a frequentar peças, e buscar entender o que tudo aquilo estava me dizendo, passei a olhar pequenos detalhes, seja da cenografia, da encenação ou do próprio texto. Lembro por exemplo quando estava assistindo um espetáculo da Cia. do Feijão que contava sobre a crise brasileira do café em 1929, o trabalho se chamava “Armadilhas Brasileiras”. Em uma das cenas, uma trabalhadora do café contava suas experiências, ela usava um

chapéu, e por um momento em que contava sua vida, ela virou o chapéu em direção ao queixo. Dentro do chapéu havia café e o movimento fazia o chapéu encostar no nariz e o café criava um nariz de palhaço na atriz. Quando vi aquilo achei maravilhoso. A trabalhadora que contava com leveza, mas, também com indignação, sua história, era uma palhaça, que sabia de sua dor e no entanto, a transformava em riso, em brilho. Talvez ali, tenha sido uma das minhas primeiras leituras sobre o que pode a arte e de como ela nos ajuda a simbolizar o mundo que vivemos.

[...] nesse sentido, a compreensão organiza-se em torno de três conceitos-chaves: o conhecimento-base dos sujeitos (os seus saberes prévios), as estratégias que utilizam (e constroem) para aprender e a sua disposição para isso (o conjunto das motivações e expectativas). (HERNÁNDEZ apud SILVA, 2009, p. 125)

Para me entender como artista do teatro, talvez seja preciso lembrar quando fui *picada pelo bichinho do teatro* pela primeira vez (usamos muito essa expressão para ilustrar que uma vez dentro deste universo, a admiração por ele aumenta cada vez mais), mesmo que a picada tenha sido inconsciente. Eu tinha por volta dos 12 anos quando vi um espetáculo pela primeira vez, lembro da minha irmã me levando junto com minha prima que também tinha a minha idade, lembro da gente pegando ônibus, lembro de o ônibus frear bruscamente e eu cair de quatro no corredor e a gente rir, lembro de pisar na Avenida Paulista pela primeira vez e ficar maravilhada com uma cidade que era gigante. A peça foi apresentada no conhecido Teatro do Sesi. Foi um evento marcante. Do espetáculo, a memória que tenho são as cores. Vermelho, preto, branco... Lembro que nos sentamos mais ao fundo do teatro, pois a gente não tinha conseguido lugar mais perto, então, eu lembro do universo colorido que se desenhava a minha frente. Vim descobrir muito tempo depois, que era “Buster, e o Enigma do Minotauro” do conceituado grupo de teatro de objetos XPTO. Brinco por aí falando que comecei bem, já que o XPTO tem uma história muito bonita no teatro. E às vezes, me pergunto: “Será que fui picada ali?”.

No entanto, isso foi um evento muito pontual. Contemplar a arte e os movimentos culturais não eram um hábito na minha casa. Seja porque não havíamos acesso financeiro, seja porque tínhamos pouco acesso à informação. É preciso lembrar também o contexto do país em que vivemos, país este que ainda possui muitas dificuldades para garantir políticas públicas para incentivar apreciações culturais. Embora no início dos anos 2000, e por muitos anos, houve uma considerável melhora, sempre existiu um grande abismo no sistema educacional, gerando muitas falhas na produção de conhecimento.

Assim, só fui voltar ao mundo teatral, por volta dos meus 15 anos, quando a madrinha da minha irmã passou a me levar para as apresentações da filha dela. A Bia (que também é minha prima de segundo grau por parte de pai) estava estudando teatro na Escola Macunaíma, e naquela época tenho a lembrança de ter assistido umas duas ou três peças. Mas, eu lembro um pouco mais da sua peça de formatura. Lembro de assistir e ficar chocada com a reviravolta que a história contava. Minha prima interpretava uma pessoa com deficiência mental e que repetia o tempo todo a frase “Tá na hora da telepatia.”, ao final da peça, ela matava o marido da cuidadora dela e beijava ele morto, dizendo “Meu amor!”. Eu achei aquilo incrível! Quando estavam todos no saguão de entrada confraternizando suas formaturas e abraçando seus familiares, lembro de ter tido um sentimento e um pensamento: “Quero fazer parte disso.” E então, tenho a sensação de que o teatro não é só um bichinho que pica, mas um bichinho que morde, que deixa marcas, cicatrizes e nos consome. Assim, a pergunta permanece, foi alí que me tornei artista?

Fui tentando criar caminhos, encontrar brechas, abrir espaços para quem sabe um dia, o teatro me encontrasse.

E encontrei?

É bem verdade que o homem razoável tudo pode fazer. Mas, ele deve aprender a língua própria a cada uma das coisas que quer fazer: sapato, máquina ou poema. (RANCIÉRE, 2018, p. 100)

Percebo então que a mordida do teatro é aquela que demora pra cicatrizar e que fica na pele da gente pra vida inteira. Como as marcas dos pontos de um corte profundo, pois passei muitos anos sem ir ao teatro novamente. Mas, a mordida já estava lá.

Com 16 anos comecei a fazer teatro pela escola, em um projeto social que acontecia aos fins de semana. A escola era aberta pra ter aulas, oficinas e etc.. Na época, eu fazia canto e teatro. Mas, o projeto não durou muito tempo, os professores começaram a faltar e a escola foi perdendo organização.

E mais uma vez, fiquei muito distante do teatro, por um bom tempo. Mas, a mordida já estava feita, era impossível evitar. E por conta de uma depressão, eu passei a repensar minha vida, e claro, a arte era parte fundamental dela. E lá fui mais uma vez dar uma nova chance à arte e à minha vida.

Comecei a fazer oficinas teatrais, frequentar peças, ir em exposições de arte, ler sobre arte, etc. Então, o teatro, a arte visual, as metáforas, começaram a pipocar nas minhas leituras de arte e claro, de mundo. O maravilhamento em que sentia ao ver tantos mundos se abrindo pra mim me fez querer guardar um pouquinho do que via, então, comecei a guardar todos os folhetos, folders, ingressos, programas de tudo que frequentava, peças, exposições, shows de música.

Assim, vou criando minha caixa de repertórios, e a cada trabalho novo que vou fazer, visito essa caixa como inspiração. Que artista sou diante de tantas vivências estéticas? É uma pergunta que percebi que nunca terei uma resposta única ou certa, porque como diz Paulo Freire:

“O saber é historicidade. Nunca é, está sempre sendo. (2015, p. 23)

Existe em nosso meio artístico a ideia de que quando se começa a estudar teatro, a magia de ser uma espectadora de um espetáculo começa a perder o encanto devido ao nosso olhar que vai ficando cada vez mais apurado. Talvez isso

explique aquelas fases da vida em que ficamos muito tempo sem frequentar peças com a desculpa que não temos tempo. Mas, o que faz a gente passar por esses momentos?

Então, quando vou assistir uma peça, muitas vezes me pergunto, o que estou querendo ver ali. O que quero assistir? O que preciso assistir? O que preciso aprender? Tento de alguma maneira, *reivindicar a experiência* (LARROSA, 2011), como forma de estar no mundo e não permitir que a inércia nos afaste do estado presente. Algo tão necessário em uma obra teatral. Entender essas perguntas e encontrar algumas respostas norteadoras são importantes para meu crescimento como artista.

Mas, o que acontece quando eu simbolizo o que sinto e transformo em arte? Esse é um momento em que eu começo a entender que a escrita de um objeto artístico ganha uma camada além da minha escrita confessional, ou de um diário. Passei a escrever não mais para desabafar ou acalmar minhas emoções, passei a escrever para criar mundos, e criar mundos me permite viver aquilo que talvez eu nunca viva, ou, de estar abrindo caminhos que nem mesmo imagino.

Criar. Ligar o liquidificador interno, misturar sensações, emoções, pensamentos e tirar disso tudo, um belo suco detox, ou talvez, um suco fortalecedor. A escrita foi e sempre será meu primeiro socorro em caso de transbordamento. Escrevo não porque sinto dor, escrevo para aprender a lidar com a minha dor.

Figura 3 - Blog Pequeno Ajuste

Em todos os noticiários sensacionalistas a notícia era a mesma. Moradores assistiam cautelosamente, enquanto pegavam o café, o pão, o guaraná. Olhavam pra televisão sentindo mais frio do que de costume. Os apresentadores diziam várias vezes as mesmas frases, como que querendo doutrinar aqueles que estavam no sofá surrado. “Uma rosa estendida no chão.” Não sabiam ainda o motivo. Se era vingança, se era passional ou roubo. O indizível é que a notícia atravessou todos em velocidade acima do esperado. O IML demorou horas pra chegar, as pessoas comentavam entre si frases como “que horror!”, “só por Deus.” Os jornais dizem que na autópsia a rosa tinha feridas profundas e que parecia ter sido torturada. Seus espinhos tinham sido cortados com uma tesoura não afiada, pra piorar a dor. Suas pétalas estavam com marcas de rasgos feitos talvez por uma navalha cega. O país ficou em choque. Um crime contra a delicadeza.



jul. 28, 2015

Fonte:

<<https://pequenoajuste.tumblr.com/post/125224120517/em-todos-os-notici%C3%A1rios-sensacionalistas-a-not%C3%ADcia>>

Figura 4 - Blog Pequeno Ajuste

Ontem, andando até o ponto de ônibus, às 22hs, eu me assustei com a minha sombra no chão. Não vê o tamanho da loucura? É verdade que não tenho tido paz, mas, por onde começo? A sombra que estava no chão me assustou porque eu pensei que fosse algo que me tiraria a esperança mais uma vez. Pois tem sido assim nos últimos momentos em que consigo me manter um pouco mais presente. Eu pego a bolsa e atravesso a rua e não lembro se atravesssei no sinal verde ou vermelho. “Mas, você está ótima!” e estou mesmo, a não ser o fato de eu ter me assustado com minha própria sombra, o que me faz pensar porque ando com os nervos tão à flor da pele enquanto eu chacoalho no ônibus e a irritação vai piorando pois, percebo, novamente, o quanto pago caro diariamente para andar em um veículo que segue lotado, quente e com motoristas sendo mal pagos. Mas, do que eu estava falando mesmo? Da minha sombra. Não é insano eu ter medo da minha própria sombra enquanto atravesso a rua pensando no corte de dinheiro e funcionários em casas de cultura? É quando percebi que era minha própria sombra, eu sorri, porque finalmente não era nada que me tirasse mais uma pedacinho de esperança além do que a gente sente diariamente quando fica sabendo de mais um ente querido que morreu em um acidente de carro, porque carros não tem medo da própria sombra. Não é insano carros não ter medo da própria sombra?



dez. 06, 2016

Fonte:

<<https://pequenoajuste.tumblr.com/post/154138656397/ontem-andando-at%C3%A9-o-ponto-de-%C3%B4nibus-%C3%A0s-22hs-eu>>

Ler e escrever o outro, com o outro, para o outro.

Quando comecei a trabalhar como arte-educadora em exposições, tive a feliz coincidência da minha primeira experiência ter justamente a palavra como foco da exposição. A exposição se chamava “A Biblioteca À Noite (2018-2019)”, inspirada na obra de Alberto Manguel, a qual ensaia, de maneira muito afetuosa, as relações que ele tem com a biblioteca no momento em que o Sol se despede mais um dia.

O trabalho foi realizado em um ambiente que eu não considero naturalmente muito aconchegante, o Sesc Avenida Paulista, com sua arquitetura concreta e extremamente vertical. Esse espaço cultural que está inserido em uma das avenidas mais importantes da cidade não consegue se distanciar da atmosfera comercial que faz parte de toda a avenida.

Assim, houve um trabalho muito cuidadoso de toda uma equipe para trazer um pouco da calma que as palavras muitas vezes necessitam. Um dos pontos da exposição era um espaço dedicado à escrita criativa, onde os visitantes tinham o tempo livre para experimentar todas as propostas oferecidas e criadas pela coordenação do educativo e os educadores mediavam essa interação.

Neste primeiro trabalho, criei um jogo que se chamava Poetize sua Memória (2018). Como a exposição era totalmente com foco na literatura, a ideia do jogo era inspirar as pessoas a criarem poemas através de suas experiências de vida. Um envelope continha várias frases e palavras aleatórias, em outro havia cartas com perguntas sobre a vivência de quem tirasse a carta. Perguntas como: quando foi seu primeiro beijo? Qual presente você mais gostou de ganhar?, etc. A pessoa primeiro sorteava uma pergunta e depois respondia com as frases e/ou palavras contidas no envelope. Assim, muitas pessoas queriam jogar sem a intenção de escrever de fato algo, pois, muitas delas tinham vergonha de escrever algo de “suas cabeças” e tinham medo de serem julgadas por isso.

Eu, que já estava no terceiro ano da faculdade, percebi com aquele trabalho o quanto eu estava distante daquilo que me fez chegar justamente até ele, a escrita e a leitura. Com a correria do cotidiano, as demandas da faculdade e as demandas

financeiras, fui deixando de iluminar esse pedaço da minha existência. Então, passei a limpar a bagunça, e intuitivamente a incluir a escrita o máximo que eu pudesse na criação de mediações onde trabalhei.

Como por exemplo, quando trabalhei na exposição “Time Kills - O Tempo Mata (2019)”, também realizada no Sesc Avenida Paulista, em que só haviam vídeos expostos. Percebi que, indiretamente, havia uma conexão entre dois trabalhos que cenograficamente estavam um de frente para o outro, mesmo havendo um corredor que os distanciavam de mais ou menos 8 metros. Os trabalhos eram as vídeo-performances¹¹ de Hannah Wilke com a obra *Gesture* de 1974 e de Eleanor Antin com a obra *The King* de 1972. As duas obras eram feitas por mulheres que performavam ações em frente à uma câmera. As duas obras tinham um questionamento feminista muito forte também. Como forma de mediar esses dois trabalhos que a discussão sobre o feminismo ficava muito latente, propus para os visitantes que escolhessem ser uma das duas obras e que esta obra escrevesse uma carta para a outra obra, como forma de pensar também um conceito que está bastante presente nas discussões sobre o tema hoje, a sororidade, ou seja, a ajuda, a valorização mútua entre uma rede de mulheres.

Figura 5 - Educador interage com obra de Hannah Wilke



Fonte: Arquivo pessoal

¹¹ Video-performance, linguagem estética que une a performance corporal com o vídeo.

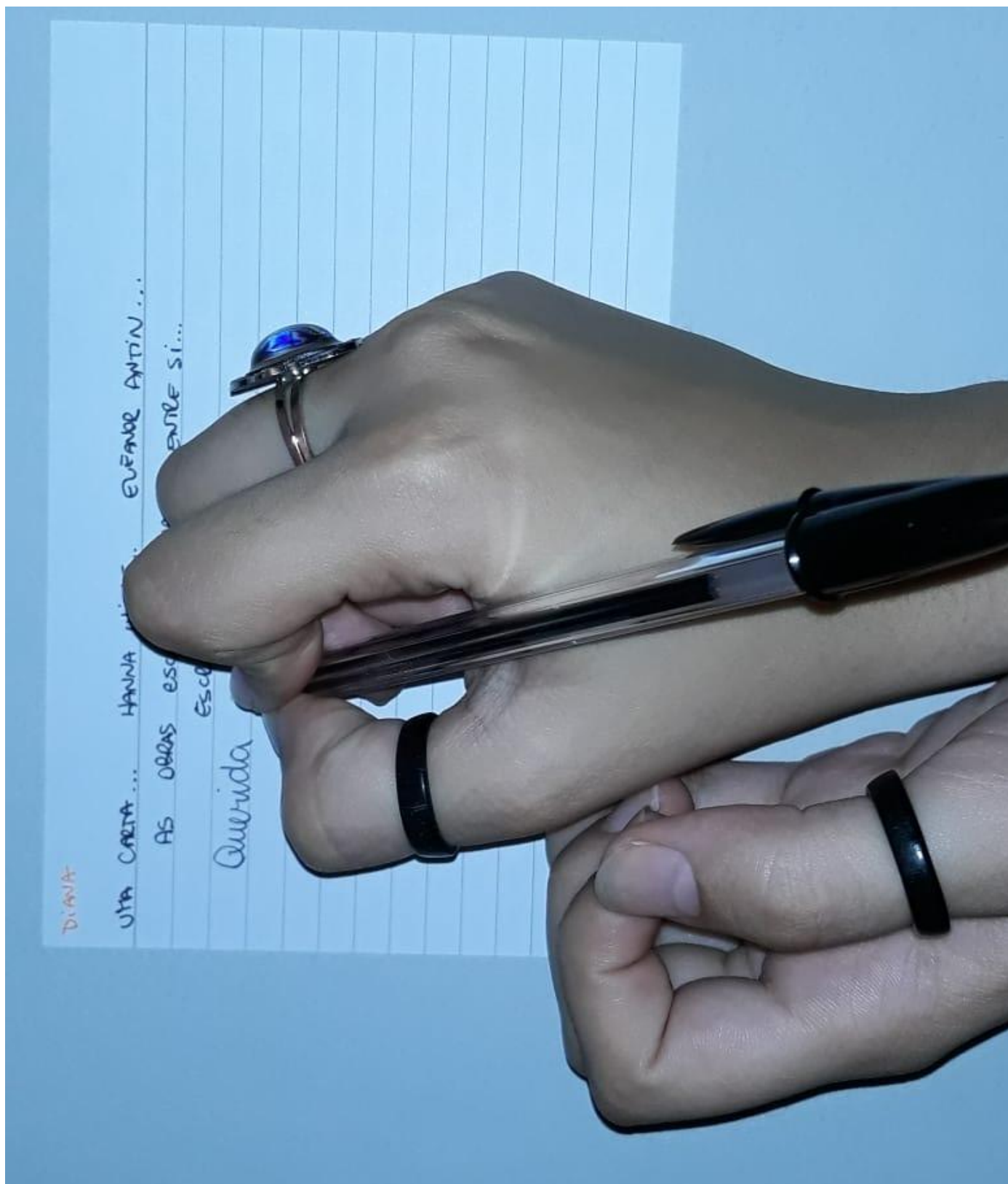
Figura 6 - Visitantes e educadores conversam sobre a obra de Eleanor Antin



Fonte: Arquivo pessoal

Hoje, escrever uma carta é um processo não só de presentificação de si, como também de rememoração de um ato social do passado. Com os meios virtuais sendo a forma mais usada para nos comunicar com alguém distante, a carta deixou de ter sua função principal. Assim, escrever uma carta pode nos trazer uma intimidade que ainda não conhecemos por estarmos fazendo algo não usual ou cotidiano. Então, pensar a carta como um processo de mediação, é buscar novas formas de conexão com as obras ali presentes.

Figura 7 - Visitante escrevendo a carta.



Fonte: Arquivo pessoal

Figura 8 - Registro de algumas cartas¹²

CRANULA
 UMA CARTA... HANNA WILKE... ELENOR ANIN...
 AS OBRAS ESCREVEH CARTAS ENTRE SI...
 ESCREVA.

Querida Hanna,
 Por aqui continua frio... Me melde e me trahs firme para me adaptar a essas condições do mundo.
 Saudades de ti, te vejo de tão longe que às vezes, o tempo parece matar... de tão dilatado.
 Escrava-me como está por aí...
 Amor,
 Eleanor.

LUCAS
 UMA CARTA... HANNA WILKE... ELENOR ANIN...
 AS OBRAS ESCREVEH CARTAS ENTRE SI...
 ESCREVA.

Sinto seus ossos, seus pelos, suas falsidades e originalidades. Elas são você. Mascare, pentice, toque sua roupa e sua cor, se quiser. Regince os peixes

PALOMA
 UMA CARTA... HANNA WILKE... ELENOR ANIN...
 AS OBRAS ESCREVEH CARTAS ENTRE SI...
 ESCREVA.

Querida Hannah; penso uma coisa: Foi Jesus no espaço em que vivemos. Não me deu cultura duma juia só porque não nós tem pilon. Apero que não fui, penso mandou te de copilar, ou duppon, da no mesmo. Mas penso uma coisa.

SARANTHA
 UMA CARTA... HANNA WILKE... ELENOR ANIN...
 AS OBRAS ESCREVEH CARTAS ENTRE SI...
 ESCREVA.

O CORPO → TOQUE. MASSA, NOTARDES SOBRE UM CORPO, CORPO MEU? SEU? NOSSO? A QUEM PERTENHE MEU CORPO. CORPO/COPO. AONDE CABE MEU GÊSTO SE ELE NEM ME PERTENHE. ELE É NOS SO. CONSTRUI COMIGO? ME BEBE INTEIRA. SOU MASSA MAS LIQUIDA, SOU TUDO QUE DEIXEI DE SER. QUERO SER ÁGUA, QUERO QUE NINDE EM MIM, SE AFOSQUE BUSQUE O AR. TE ENAFOSQUE. É MEU O CORPO, NÃO SEU. TE ENPRISTO, APENAS. CUIDA DE VOCÊ COMO QUEM CUIDA DO OUTRO

PALOMA
 UMA CARTA... HANNA WILKE... ELENOR ANIN...
 AS OBRAS ESCREVEH CARTAS ENTRE SI...
 ESCREVA.

Querida Hannah; penso uma coisa: Foi Jesus no espaço em que vivemos. Não me deu cultura duma juia só porque não nós tem pilon. Apero que não fui, penso mandou te de copilar, ou duppon, da no mesmo. Mas penso uma coisa.

Fonte: Arquivo pessoal

¹² Transcrição das cartas em anexo.

Ao olhar para trás e pensar nos meus processos de mediação na arte-educação, percebi que estava criando uma pesquisa-jogo sobre a escrita performativa como mediadora de objetos artísticos. Uma tentativa de manter a palavra viva em minha arte, mesmo quando não tinha tempo, entusiasmo e inspiração para fazer o mais simples, porém, não simplório: escrever.

A partir daí, em todas as minhas tentativas de criar alguma ligação afetiva ou intelectual entre objeto e visitante, fazia-se a presença da palavra, seja através da minha própria escrita, seja através da escrita do outro. Com a palavra percebo que o objeto não é só lido pelo espectador, mas, também é o objeto lendo o espectador, fazendo-o conhecer a si próprio como parte fundamental daquela obra. A palavra materializa o encontro.

Durante a exposição Time Kills (2019), o educativo teve a ideia de criar intervenções no catálogo da exposição, como forma de trabalhar a intervenção artística. Cada um podia fazer como quisesse, pintura, desenho, bordado, carimbo, colagem, e eu mais uma vez, usei a palavra como expressão.

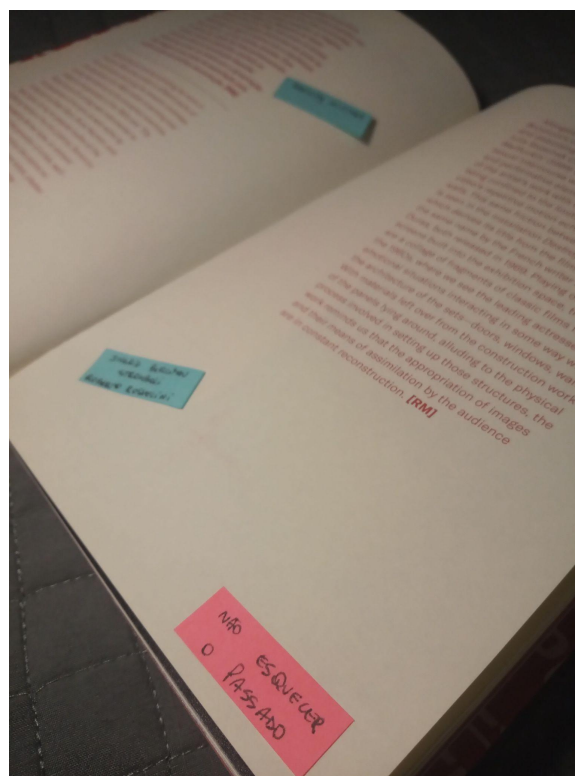
Havia uma vídeo-instalação¹³ intitulada “Destroy She Said (Destruir Ela Diz) - (1998)” da artista italiana Monica Bonvicini, onde ela reúne algumas cenas de atrizes de filmes da década de 40 e 50, em que todos os filmes foram dirigidos por homens, apontando assim, uma visão machista desses diretores. Todas as cenas e consequentemente os filmes, tratam as mulheres como frágeis, solitárias, precisando sempre de um sexo masculino para sua proteção. Foi aí que resolvi assistir todos os filmes de cada cena, porém, não encontrávamos os nomes dos filmes, e eu conhecia uma atriz ou outra. Comecei então a fazer uma busca em grupos de cinema nas redes sociais, postando imagens das cenas para que me ajudassem a encontrar toda a lista.

Conseguí encontrar quase todos os filmes, e fiquei me perguntando, porque a artista não menciona os filmes em sua obra, nem o nome das atrizes. Foi aí, que tive a vontade de no catálogo colocar o nome das atrizes como forma de valorizar e enfatizar essas figuras que criaram história no cinema mundial. Colei post-its em

¹³ Espaço onde é criado um trabalho cenográfico para a exibição de um vídeo.

cada foto das mulheres que apareciam no catálogo com o nome da atriz e o filme da qual elas fizeram parte. Ao final, eu colocava um post-it dizendo “não esquecer o passado”. Fiz isso em diversos catálogos, eu tirava uma hora mais ou menos por dia para fazer essa intervenção. Embora a escrita aqui não tenha sido feita por um visitante da exposição, encarei esse processo de forma performativa, fazendo esse movimento no próprio espaço expositivo e a repetição desses nomes me trazia uma sensação de estar invocando essas mulheres para se fazerem presentes.

Figuras 9 e 10 - Registro do programa da exposição



Fonte: Arquivo pessoal

Infelizmente, nessa exposição, eu não pude experimentar e pesquisar tanto quanto eu gostaria, pois passei um mês e meio afastada dela por ter quebrado dois dedos do pé em uma aula da faculdade. Imprevistos acontecem. Assim, minha pesquisa ficou em pausa.

Figura 11 - Blog Pequeno Ajuste

Sigo em frente por desatenção. Difícil imaginar novos mundos quando não se tem mais os sonhos pra segurar sua mão. Assim, caminhar perde o significado de estar indo ao encontro de algo e simplesmente se torna um ato de rebeldia. Nada move mais minhas pernas do que a falta que sinto delas. Pense em uma escada em que os degraus te levam para o início dela mesma, como um quadro do Escher em que tudo é cíclico e nada faz sentido. Assim vou empurrando todas as placas que aparecem em meu caminho querendo me levar para algum lugar ou direção. Não quero isso. Não sei lidar com as certezas. Não sei aceitar os melhores caminhos. Não sei dar o meu melhor. Não sei ouvir o coração. Só sei caminhar no deserto árido e teimoso. Só sei dizer ao mundo que não faço parte dele. E então, no ponto de ônibus eu vejo uma moradora de rua falar sozinha para seus amigos. Penso nos meus. Não sei mais onde estão porque caminhei para lugares distantes. Estou segurando um punhado de pólvora pensando ser uma fruta doce. Estou sonhando dores pensando ser soluções. Estou caindo e continuo seguindo por teimosia, e só quando estiver colada ao chão estarei satisfeita. Dona da minha dor, dona da minha ira, domada por aquilo que chamo de amor.



nov. 12, 2019

Fonte:

<<https://pequenoajuste.tumblr.com/post/189013576597/sigo-em-frente-por-desaten%C3%A7%C3%A3o-dif%C3%ADcil-imaginar>>

E então, comecei a trabalhar na 21ª Bienal de Arte Contemporânea SESC_Videobrasil (2019 - 2020), nesta exposição, havia mais de 50 artistas, com trabalhos em vídeo, escultura, pintura e instalação. Com tantas possibilidades, pude experimentar, muitos caminhos, desde mediações em que envolviam o corpo, a fala, e claro, a escrita.

Pude, então, perceber que o ato da escrita aterrava melhor a presença dos visitantes, como para cada um, escrever suas impressões, ajudassem a absorver melhor o que estavam conhecendo naquele momento. Digo isso, porque era uma exposição que tinha um viés político e ideológico muito concreto e em voga nos tempos atuais, e percebi que, apesar da maioria dos visitantes terem um discurso muito bem concluído, quando iam falar das obras através de suas impressões pessoais, muito deles não conseguiam se comunicar, e com a escrita, percebi que a comunicação fluía muito mais fácil.

Para então criar um ambiente de acolhimento e aos poucos ir resgatando essas impressões que ficam escondidas, eu começava os encontros com as turmas fora da exposição, e nesse encontro, a escrita já era um ponto de partida. Escrevia em uma cartolina alguma palavra que tivesse ligação com o tema geral da exposição, e então, oferecia a cartolina a eles, para que continuassem a escrever palavras que vinham em suas cabeças sobre a palavra principal que eu tinha escrito.

Figura 12 - Registro de encontro dos alunos



Fonte: Arquivo pessoal

Escrever ajudava não só a mim, mas a eles também a aterrarem seus corpos, experiências e conhecimentos para estarem de fato presentes naquele espaço que também tinha suas dificuldades de acolhimento. Então, cada vez mais, usei a escrita como proposta para trazer esse momento de conexão e tranquilidade dentro de uma região que também não tem descanso: o bairro da República, Zona Central e comercial da cidade de São Paulo.

Me considero uma mulher cisgênero, ou seja, uma mulher que se indentifica com os padrões pré-estabelecidos pela sociedade, seja esteticamente e biologicamente para o sexo feminino, e assim, pensar o feminismo sempre esteve de alguma maneira intrincado com a minha arte e arte-educação.

Durante essa exposição, isso não fugiu das minhas propostas e experiências de mediação. Passei então a pesquisar o que é a estética feminina através de três objetos presentes na exposição. “I Call You Nancy (2012-2017)” do artista chinês Tang Kwok-Hin, onde ela inventa um album de família de uma irmã que não existe, Tela Bordada de Teresa Margolles, artista mexicana que junto com travestis e mulheres trans, bordam em um tecido utilizado por um necrotério para cobrir os corpos, e Binibining Promised Land de Koken Ergun, artista turco que criou uma vídeo-intervenção que comentarei mais abaixo. Todas essas obras perpassam pensamento crítico em relação a o que é ser mulher, e o quanto nós, mulheres, podemos pensar isso através de interferências machistas e patriarcais. Pesquisando, encontrei uma matéria da BBC intitulada “Como partes do corpo feminino ganharam nomes de homens”¹⁴, matéria que reflete sobre como os anatomistas, em sua maioria homens e brancos, foram pesquisando o corpo feminino e dando seus nomes próprios para órgãos, ossos, que iam encontrando. E lembro da indignação que senti ao ler a matéria. Pensei: “Mas, caramba, nem os nomes dos nossos órgãos são nossos?”.

Foi então que dentro da exposição, criei um roteiro de visitação chamado Sou, ao olhar de quem? Os homens me escreveram., e passei a discutir sobre a autonomia da mulher nessas três obras.

A escrita, claro, estava envolvida.

A vídeo-instalação “Binibining Promised Land (2010)” era composta por um vídeo de um concurso de beleza de uma comunidade filipina que vive em Tel Aviv, Israel. O vídeo é um concurso muito inspirado no famoso Miss Universo. Em uma das paredes da instalação, havia um papel de parede cheio de capas de revistas,

¹⁴ Fonte: BBC <<https://www.bbc.com/portuguese/vert-fut-44829340>>

com notícias de mulheres dessa comunidade. As notícias não eram boas, havia casos de estupro, maus tratos, saudade da família, miséria e etc. A contraposição entre o que o vídeo passava e o que a parede mostrava, gerava uma série de questionamentos sobre o papel da mulher na sociedade.

Pensando nisso, peguei capas de revistas reais e brasileiras, e pedia para os visitantes escreverem nas capas suas impressões sobre as manchetes ali anunciadas.

Figura 13 - Registro de uma das escritas-respostas dos visitantes



Fonte: Arquivo pessoal

Figura 14 - Registro de encontro com os alunos



Fonte: Arquivo pessoal

Eu observo essa foto e me sinto muito orgulhosa, por eles e por mim. Porque ali, eles se questionaram, me questionaram, eu me questionei e questionei eles. Dentro do espaço expositivo, o ato de sentar e escrever transformou o lugar. Não era mais um objeto artístico, era um canto da nossa casa, da nossa sala, do nosso quarto.

O corpo que está ali, não é o corpo cotidiano de uma exposição de arte, é um corpo outro, um corpo que escreve, um corpo-escrita, um corpo que não só observa, mas, se apropria do espaço, se aconchega, se faz presente.

Esses foram alguns exemplos de mediações com escrita performativa que pude pesquisar. É preciso observar que nenhuma dessas propostas teve um viés conteudista, ou seja, as pessoas puderam discutir sobre esses objetos com a informação que eles tinham ali na hora, o que viam e suas experiências de vida. Eu

não explicava para ninguém sobre o que era arte, ou, o que os artistas queriam dizer com aquela obra. Esse nunca foi meu foco. E então, me questiono, o quanto de informação é necessária para um objeto artístico ser lido? É possível produzir conhecimento a partir da vivência com o objeto, sem tanta interferência da informação?

EXISTIR

Quais palavras-corpo habitam em mim?

Um dos maiores questionamentos atuais é sobre o corpo e a falsa dicotomia que temos ao pensar em razão versus emoção ou mente versus corpo. Artistas e filósofos como Antonin Artaud e Gilles Deleuze, já pensaram nesse corpo que podem encontrar outros lugares, outras funções além das funções bio-fisiológicas.

E se nosso corpo tivesse vocação para sonhar?

Pensar nesse corpo que está para além de sua mortalidade, é também uma forma de buscar novos corpos. Corpos que não são mais divididos, e que assim, é possível perceber alguma ligação entre seios e cérebro, ou, para o performer, trabalhar uma parte do corpo pode ser essencial para que outra parte possa ser potencializada. A filosofia e medicina oriental há milênios trabalha com essa observação para curar diversos males.

Então, o que é um corpo? Infinitas possibilidades, talvez.

Christine Greiner em seu artigo, “A Diáspora do Corpo em Crise”, reflete sobre algumas teorias do que seria esse corpo que não é mais dividido em mente e corpo, racional ou irracional, porque estamos diante de novos pensamentos e percepções de nós mesmos. Para isso, ela busca bagagem no teatro japonês, principalmente no butô, dança japonesa criada no pós-guerra na década de setenta, conhecida como a dança da escuridão, onde seu propósito estético não é o de representar uma situação, mas, sim, deixar que o corpo performe suas emoções e sentimentos através de movimentos e tensões que esse corpo está vivendo, e de

como esse corpo nunca está completo, pronto ou acabado, sendo assim, sua performance também nunca está pronta, embora possa ser apresentada como resultado.

Vivemos em uma sociedade com corpos em crise, estamos passando por transformações sociais que estão colocando em cheque nossas convicções. A maneira como estamos enxergando esse corpo está interferindo nas nossas escolhas, nossos hábitos, nossos desejos. No entanto, Christine cita Freud¹⁵ para pensar o corpo também como ambiente e de que perceber alguma coisa desse corpo já é interferir nele, deslocar ele.

Assim, é possível pensar o corpo também como algo que carrega em si, o tempo todo, informação. Informação essa que pode ser performada, teatralizada, estetizada etc.

O corpo é um lugar de existência. Não é cheio nem vazio, nem dentro, nem fora, não tem partes nem totalidade, nem funções nem finalidade. Não se discute a morte ou a vida, não há essências a serem levadas a sério. O que existe é o espaço mortal do corpo. (GREINER, 2002, p.106)

Para entender esse corpo é preciso mapeá-lo, estudá-lo, entender sua *dramaturgia própria* (GREINER, 2002).

Durante uma leitura que eu estava fazendo, de maneira quase descompromissada, em silêncio, percebi quase sem querer que durante algumas palavras, eu sentia elas saindo do meu corpo. Comecei então a investigar o que seriam essas palavras e porque elas estão agindo em mim dessa maneira.

Eu não lembro exatamente qual foi a primeira palavra que eu percebi nessa descoberta, mas, eu lembro que por algum motivo ela tinha saído da minha garganta. Então, comecei a procurar essas palavras-corpo em mim. Não eram

¹⁵ Médico, psiquiatra, criador da psicanálise.

quaisquer palavras, não eram quaisquer leituras em que isso era possível, era preciso estar em uma presença outra. Uma performance.

Assim, comecei a investigar que performance é essa da qual eu estou atuando para que uma leitura evocasse as palavras escondidas no meu corpo. Corpo esse que, em confinamento, talvez estaria clamando por movimento. Seria então, uma tentativa de criar fluxos dentro de um corpo em pausa?

Se estamos tão envoltos com a palavra, podemos ser palavras? É possível um corpo não ser nada além de palavras? Quais palavras preenchem um corpo? Quais palavras grudam em um corpo? Ou, como Christine aponta em seu artigo, quais palavras estão encarnadas em um corpo? E como essas palavras podem se tornar material criativo para minhas composições estéticas?

Hoje, investigo algumas palavras comigo:

INFERIOR - lábios da vagina

APRESENTAÇÃO - ombro esquerdo

PERFORMANCE - ventre

METAMORFOSEAR - garganta

O corpo em crise não busca um novo vocabulário para contrapor o antigo, mas deliberadamente abandona o conceito de vocabulário. [...] O que experimentamos e como damos sentido ao que experimentamos depende do tipo de corpos que temos e do modo como interagimos com os ambientes que habitamos. [...] Isso tudo vem antes da linguagem. (GREINER, 2002 , p. 114)

Pensar em quais palavras-corpo habitam em mim e por que elas habitam, é perceber esse corpo em crise, esse corpo potente na sua desmistificação de si mesmo. Se ao ler uma palavra, ela se conecta com alguma parte do corpo, pode essa parte estar se preenchendo com essa palavra ou se esvaziando dessa

palavra? Ana Cecília Reis de Azevedo ao também falar do butô em sua pesquisa, o define da seguinte forma:

Não é uma dança que estabelece contorno ou que desenha figuras no espaço. Não se trata da ilustração de um sentimento, mas a transfiguração do próprio sentimento para cada parte do seu corpo, [...] (AZEVEDO, 2015, p. 23)

Pode um corpo, durante o ato da leitura, estar performando um sentimento?

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Faço esse relato-pesquisa, com o intuito de tentar teorizar aquilo que tenho vivido na prática desde minha existência, e de pensar em como a arte nos é fundamental em nossa caminhada. Seja pra qual lado for, a arte estará sempre nos guiando de alguma maneira.

E principalmente, nos transformando. Pois aquela que leu Graciliano Ramos, não é a mesma que leu Haruki Murakami, nem a mesma que leu Fernando Pessoa, nem a mesma que leu Ana Cristina César, nem a mesma que Alberto Manguel, nem a mesma que leu Bell Hooks, nem a mesma que leu Clarice Lispector, nem a mesma...

Porque a cada nova leitura, nunca estou lendo sozinha, estou lendo com minhas experiências, minhas referências, meus desejos, minhas palavras-corpo e etc.

Talvez já seja hora de se afirmar peremptoriamente que o que se pode fazer transcórrer e transmitir nos estudos da subjetividade não é a certeza de um experimento, mas a irrequieta e incômoda passagem política e metodológica de uma experiência. (MIZOGOUCHI, 2015, p. 202)

O momento em que o Brasil está vivendo, é um momento delicado para a arte. Há muitas crises, desde financeiras, estéticas e até afetivas. Há quem diga que a arte não serve pra nada, há quem diga que a arte não salva vidas, há quem diga que a arte não deve pagar o salário de ninguém.

Curiosamente, uma das coisas que nos salvou nesse momento pandêmico, foi justamente a arte. Confinados em nossas casas, a assinatura de serviços de streaming, onde a linguagem do cinema é a mais abordada, por exemplo, aumentou cerca de 26%¹⁶.

Se essas plataformas não existissem, estaríamos mais doentes?

Outro dado curioso, foi que no ano de 2020, um dos livros mais vendidos¹⁷ na Europa foi A Peste de Albert Camus, livro que conta como uma comunidade lida com a peste bubônica que destrói uma cidade.

E se esse livro não existisse, estaríamos mais doentes?

E se eu não estivesse escrevendo durante a pandemia, ou mesmo, escrevendo esse trabalho, estaria mais doente?

É claro que aqui não é um ponto final. Aqui, é um recomeço...

¹⁶ Fonte: Forbes

<<https://forbes.com.br/forbes-money/2021/03/um-ano-depois-do-inicio-da-pandemia-plataformas-de-streaming-contabilizam-ganhos/>>

¹⁷ Fonte: BBC <<https://www.bbc.com/portuguese/curiosidades-51843967>>

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, A. C. R. **O Corpo da Palavra e a Palavra do Corpo**: Um estudo sobre Eu Não de Samuel Beckett e A Menina de Tatsumi Hijikata. Monografia (Bacharel em Artes Cênicas) Departamento de Teoria do Teatro UNIRIO. Rio de Janeiro. p. 39. 2015.

BARBOSA, Ana Mae; COUTINHO Rejane Galvão (org.). **Arte/Educação como Mediação Cultural e Social**. 1 ed. São Paulo: Editora Unesp, 2009.

BEBER, Bruna. **O Contracanto de Stela do Patrocínio**. Magma Revista. São Paulo. Edição 16. p. 225 - 233. 2020.

COSTA, Márcia Hávila Mocci da Silva. **Estética da Recepção e Teoria do Efeito**. 2012. Disponível em:

<http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/modules/mydownloads_01/singlefile.php?cid=44&lid=4787> Acesso em: 01 fev. 2022

FREIRE, Paulo. **A Importância do Ato de Ler**. 23 ed. São Paulo: Cortez, 1989.

FREIRE, Paulo. **À Sombra Desta Mangueira**. 11 ed. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 2015.

FOUCAULT, Michel. **Ditos e Escritos Volume V: Ética, Sexualidade e Política**. 1 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

GREINER, C. **A Diáspora do Corpo em Crise**: do teatro japonês aos novos processos de comunicação do ator contemporâneo. Revista Sala Preta. São Paulo. v. 2, p. 103-116, 2002.

LARROSA, Jorge. **Pedagogia Profana**: danças, piruetas e mascaradas. 6 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

LARROSA, Jorge. **Experiência e Alteridade em Educação**. Revista Reflexão e Ação. Santa Cruz do Sul. v. 19, n. 2, p. 04-21, 2011.

MANGUEL, Alberto. **O Leitor Como Metáfora: o viajante, a torre e a traça**. 1 ed. São Paulo: Sesc São Paulo, 2017.

MIZOGOUCHI, Danichi. **Experiência e Narrativa: artefatos políticos de pesquisa**. Revista ECOS. v. 5, n. 2, p. 200-208. 2015.

NEVES, Josélia Gomes. **Cultura Escrita e Narrativa Autobiográfica: implicações na formação docente**. In: Maria Rosa Rodrigues Martins Camargo (org.). **Leitura e Escrita Como Espaços Autobiográficos de Formação**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.

RANCIÈRE, Jacques. **O Mestre Ignorante - cinco lições sobre a emancipação intelectual**. 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.

SANTOS, Vivian Carla Calixto. **Fazeres Autobiográficos e Cartas Pessoais**. In: Maria Rosa Rodrigues Martins Camargo (org.). **Leitura e Escrita Como Espaços Autobiográficos de Formação**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.

SCHECHNER, Richard. **Pontos de Contato entre o Pensamento Antropológico e o Teatral**. In: Cadernos de Campo, n. 20, p. 213-236. 2011.

SILVA, Susana Gomes da. **Para Além do Olhar: a construção e a negociação de significados pela educação museal**. In: Arte/Educação como Mediação Cultural e Social. Ana Mae Barbosa (org.) / Rejane Galvão Coutinho (org.) - 1 ed. São Paulo: Editora Unesp, 2009.

ZUMTHOR, Paul. **Performance, Recepção, Leitura**. 2. ed. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

ANEXOS

ESPIRAL TRANSCRITO

Às vezes, ler o mundo cansa... porque, entre estar nele e saber o que se quer dele é buscar saídas muitas vezes nunca abertas e o desconhecido é denso, poderoso, precioso e cheio de tentativa e erro. Assim, vou entrar nesse redemoinho-palavra que inverte, inventa, intercepta o passo que insiste em seguir. Não há método, não há mecanismo, não há direcionamentos sequer para entrar na roda-linguagem que nos aguarda, nos emancipa, nos proporciona olhar pra frente e caminhar. No momento em que estou aqui olhando meus pés seguirem caminhos que movem não só a mim, mas um universo inteiro, porque tirar um tijolo de lugar é fazer o muro deixar ser outro muro, outro mundo, outro alguma coisa, ter coragem para observar. O mundo aberto, irreal, não-linear, não definido, guiado apenas por uma força criadora. Essa que insiste em colocar no varal as palavras que ainda não conhecemos, que ainda não inventamos, que ainda não faz parte do nosso vocábulo-ser. São essas, as que estão por vir, as que vão dizer o que será de nós, as que nos vão fazer nos olhar no espelho, encarar a poeira e dizer: estou viva.

CARTAS TRANSCRITAS

Carta 1

De Camila

Querida Hanna,

Por aqui continua frio... me moldo e me transformo para me adaptar a esse lado do mundo. Saudades de ti, te vejo de tão longe que às vezes o tempo parece matar... de tão dilatado. Escreva como está por aí. Amor, Eleanor.

Carta 2

De Paloma

Querida Hanna,

Ponha uma blusa, faz frio no espaço em que estamos. Não me olhe altiva desse jeito só porque você não tem pelos. Agora que sou rei posso mandar te decapitar ou desposar, dá no mesmo. Mas ponha uma blusa.

Carta 3
De Lucas

Sinta seus ossos, seus pelos, suas falsidades e originalidades. Elas são você.
Mascare, penteie, troque sua roupa, e sua cor se quiser. Bagunce os ...

Carta 4
De Samantha

O corpo, toque. Massa. Anotações sobre um corpo. Corpo meu? Seu? Nosso? A quem pertence meu corpo? Corpo/Copo. Aonde cabe o meu gesto se ele nem me pertence? Ele é nosso. Constrói comigo? Me bebe inteira. Sou massa mas líquida, sou tudo que deixei de ser. Quero ser água, quero que nade em mim, se afogue busque o ar. Afogue. É meu o corpo, não seu. Te empresto apenas. Cuida de você como quem cuida do outro.